

OS CEM ANOS DA RERUM NOVARUM

Adriano Moreira

Em 20 de Fevereiro de 1878, o Arcebispo de Perugia Gioacchino Pecci foi eleito Papa e anunciou que queria ser chamado Leão XIII em homenagem a Leão XII. Poucos anos antes, em 1870, modificara-se radicalmente a situação internacional da Santa Sé, em resultado da unificação da Itália.

Esta alteração de uma variável histórica secular, que era o poder temporal sobre os seus Estados, fazia com que o Papa deixasse de estar sobrecarregado pelas funções e limitações políticas da Chefia do Estado, o que também implicava uma alteração do quadro tradicional das rivalidades das potências em relação à eleição. Estava mais livre para exercer o poder espiritual, mas foi necessário um tempo de retiro.

Pio IX, que sofrera o esbulho, ao publicar a famosa encíclica *Quanta Cura*, e o anexo *Syllabus Errorum* onde enunciava oitenta afirmações liberais que a Igreja não podia aceitar, fez com que este documento fosse largamente visto como a prova da total incompatibilidade da Igreja com o mundo moderno.

Todavia, o Manifesto do Partido Comunista de Karl Marx, fazendo uma leitura, pela primeira vez realmente revolucionária, da mudança dos tempos, já desde 1848 que mostrava a urgência de a nova liberdade pontifícia ser assumida em defesa dos valores cristãos.

Aconteceu que se conjugavam, nessa segunda metade do século XIX, uma doutrina da vida política e social, que animou partidos e programas de transformação política, com o nome de socialismo; e um fenómeno social que teve expressão no aparecimento do operariado, o qual organizou movimentos e instrumentos de defesa dos seus interesses. Podem encontrar-se ori-

gens, tradições e fundamentos diferenciados para os dois fatos, mas, com caráter fortuito, ou com alguma explicação lógica, o grande fato é o encontro entre as duas correntes.

Foi apenas meio século depois do Manifesto, em 1891, que Leão XIII, passada uma década de pontificado embaraçado com o "quietismo eclesiástico" denunciado por Manning, iniciou um novo diálogo da Igreja com o mundo.

Por esse tempo, o sistema euromundista era sólido, as lutas entre as potências eram guerras civis ocidentais, o imperialismo colonial estava legitimado por missões nacionais assumidas, o Sacro Colégio já tinha muitos estrangeiros, mas todos eram ocidentais, a missionação era exercida em aliança com os Estados, mesmo com os que tinham assumido as mudanças liberais e democráticas que feriram o histórico estatuto da Igreja.

A questão social, geralmente considerada um efeito negativo da revolução industrial, tinha o seu tema mais grave na chamada, pelo Papa, questão operária.

O pauperismo era o grande desafio. Homens como Victor Hugo e Charles Dickens não consentiram que a realidade pudesse ser omitida, e as péssimas condições de trabalho, a habitação desumana, os salários de subsistência, tudo ainda vive na memória do sindicalismo.

Em 1978, o ano dos três Papas – Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II – foi publicado um livro do segundo – escrito enquanto Bispo Albino Luciani – chamado *Illustrissimi Signori*. Adotara o dever de escrever no jornal *Mensageiro de São Antônio*, mensalmente, uma carta a um personagem ilustre do passado, para conversar sobre o que o destinatário ensinara e o que o mundo aprendera.

Escolheu Dickens, para lhe recordar palavras que escrevera em 1843, antes do Manifesto, e que descreviam a vida lastimosa dos "oprimidos", inspirado pelo "amor aos pobres". Passados cento e trinta anos, dava-lhe notícia de que a situação piorara consideravelmente, não obstante as promessas e experiências dos vários socialismos.

Talvez possamos encontrar no comovedor *Oliver Twist* a criança simbólica desse pauperismo provocador, um exemplo da vaga de filhos inúteis de que falara Swift em *A Modest Proposal* de 1729. A trabalhar na oficina, deveria o menino contentar-se com o rancho distribuído pelo patrão. Por inocência, não fez assim. Levando a malga vazia nas mãozitas débeis, disse: "Quero Mais".

Esta reclamação continua a ser ouvida, agora, como anotou Albino Luciani, em contexto diferente e mais grave. Dizia na carta: "no teu tempo as injustiças sociais iam numa única direção; os operários apontavam com o dedo os seus patrões. Hoje é incontável a gente que aponta com o dedo: os trabalhadores do campo, que se queixam de estarem muito pior do que os trabalhadores da indústria; aqui, na Itália, o Sul contra o Norte; em África, na Ásia, na América Latina, as nações do Terceiro Mundo contra as nações do bem-estar".

Entre os motivos que decidiram Leão XIII a enveredar por este novo diálogo da Igreja com o mundo, e a encorajar todas as formas de organizações de um laicado católico ativo, estiveram indubitavelmente os imperativos da justiça e a convicção pessoal, mas também, como foi insuspeitadamente observado, a angústia causada pelo avanço do socialismo, e "o objetivo de encontrar para a Igreja, nas massas populares a ponto de obterem o sufrágio universal, um contra-peso contra a política anticlerical praticada tantas vezes pelos 'países legais burgueses'".

De fato, e ainda muito longe o socialismo real, aceitou que morrera a época dos príncipes católicos, cristianíssimos, fidelíssimos, defensores da fé; pretende que os católicos assumam as aspirações dos novos tempos, impregnando todas as atividades de espírito cristão; anuncia a idéia orientadora da Ação católica no século XX, que mobiliza os fiéis para agirem no seu ambiente próprio: reconheceu a importância das minorias católicas em países, como os EUA, que não eram oficialmente católicos. Independentemente dos problemas da fé e da moral cristã, a luta de classes era a maior ameaça para os valores e modelos de sociedade ocidental euromundista.

2 - Passado um século, uma nova encíclica, esta de João Paulo II, *Centesimus Annus*, segue a prática, que foi de Pio XI (*Quadragesimo Anno*), de Pio XII (Mensagem radiofônica de 1 de Junho de 1941), de João XXIII (*Mater et Magistra*, 1961), de Paulo VI (*Octogessimo Adveniens*, 1971), avaliando a evolução a partir daquele documento matricial. Ele próprio já enriquecera a doutrina social com a *Laborem exercens* (14 de Setembro de 1981) acerca do trabalho humano, e a *Sollicitudo rei socialis* (30 de Dezembro de 1987) sobre os atuais problemas dos homens e dos povos.

Não existe qualquer rutura doutrinal entre a *Rerum Novarum* (1891) e esta que já celebra dando unidade ao novo capítulo da doutrina que tem sido enunciada por João Paulo II. Mas a perenidade da premissa maior, o eixo da roda que, segundo Morgan, acompanha a roda mas não anda, tem de multiplicar-se em corolários novos, para as circunstâncias que variaram. E desta mudança se ocupa o atual pontífice, convidando à melhor celebração da *Rerum Novarum* que é atualizar as perspectivas, as prospectivas e as respostas.

Começaria também aqui por lembrar um romancista, Georg Fink, que, num livro célebre intitulado *Tenho fome*, e que descreve a situação dos europeus que viveram a guerra civil de 1914-1918, personalizando num pobre menino de Stettin, chamado Teddy, "todas as misérias de todos os meninos pobres de todas as cidades do mundo", acrescentando que, em crescendo, queria ser bom. No fim da sua história, faz testamento desta conclusão: "Já sei que existe um proletariado que vive. Tem seus teatros, seus concertos, seus salões de ginástica, suas viagens de férias. Existe uma juventude trabalhadora que possui a vida e goza saúde e bem-estar, enquanto seus pais se ocupam dos ideais políticos dos trabalhadores. Não falo deles, falo dos pobres".

As coisas novas, para as quais João Paulo II convida a olhar, incluem este alargamento daquilo que era a condição operária, os novos pobres, in-

quietação a que uma espécie de partido dos confortados chama, agora desdenhando, miserabilismo.

Entre as mudanças estruturais, em relação a 1848, conta-se em primeiro lugar a derrocada do sistema euromundista: antecipações de Simone Weil e de Chardin, com expressão na fascinante Missa sobre o Mundo, do último, são realidades. Os dedos apontados, para os quais João Paulo I chamou a atenção, são uma floresta de queixas e de acusações.

Por isso, um século depois, o pedido da criança de Dickens, o lamento do menino de Fink, transformaram-se num clamor que aglomera os povos mudos do mundo – os de cor, os antigos colonizados, os da geografia da fome, os do sul do mundo, os marginalizados do norte e do sul. Por isso o desafio está em que “a pobreza ameaça assumir formas gigantescas”, e não pode duvidar-se de que se “desenham no horizonte crises dramáticas se não forem tomadas medidas internacionalmente coordenadas”.

Repito palavras recentes. Coincidindo com a reeleição de Ronald Reagan, depois de uma campanha que prometia “o renascimento da América” sob uma filosofia política e econômica liberal, a Conferência Episcopal dos EUA publicou uma Carta Pastoral sobre a doutrina social católica e sobre a economia, em 11 de Novembro de 1984, na qual tomava duas posições fundamentais: 1) reconhecendo o impacto positivo do capitalismo ao nível da produção, condenava a imoralidade dos desequilíbrios sociais produzidos, afirmando que “o nível de desigualdade dos rendimentos da nossa sociedade, e sobretudo à escala mundial, é moralmente inaceitável”; 2) a corrida armamentista, e as armas nucleares eram igualmente condenadas. Não era necessária muita imaginação para recordar imediatamente o exemplo militar-industrial que tanto preocupava Eisenhower.

Enquanto o passivo das desigualdades se agrava em direção ao sul do continente americano, praticamente todo ele dentro das fronteiras da geografia da fome, a denúncia pastoral leva a registros que a Teologia da Libertação recolhe, causando dúvidas sobre a admissibilidade das propostas, mas nenhuma sobre as injustiças denunciadas.

O avanço qualitativo da nova encíclica traduz-se em ultrapassar a condenação moral, que permaneceu, para lembrar a clamorosa violação dos direitos do homem em todas as latitudes, e concluir pela necessidade de refazer os sistemas, de terminar com a violência sistêmica que frustra os esforços dos povos mais desfavorecidos, tão responsáveis o capitalismo selvagem como o socialismo real.

O desafio da globalidade, que espera por qualquer forma de governo até ao fim do século, é uma das tônicas das mensagens atualizadas, e, por isso, o apelo à paz e a redefinição da função que progressivamente vem sendo feita nessa área. Foi Pio XII quem, perante as ameaças de uma segunda guerra civil chamada guerra mundial, definiu “o *officio da pacificação*” na alocução de 2 de Junho de 1939 dirigida ao Sacro Colégio, renovando a doutrina que constava da Encíclica *Pacem* de Pio XI, publicada em 23 de Maio de 1920, e onde enunciava o preceito de que “a aproximação fraternal dos povos é um dever”. Esse *officio de pacificação*, em face da dura experiência deste meio sé-

culo de "guerra improvável e de paz impossível", foi complementado por João Paulo II, em 17 de Outubro de 1986, com o espírito da Jornada de Assis, que pregou em Santa Maria dos Anjos, na Catedral de Assis e na Praça de S. Francisco. Trata-se de chamar à convergência ativa todas as religiões e credos, ao serviço da tese comum de que a paz é um bem supremo da terra.

Tocarei ainda outro aspecto decorrente da Encíclica *Libertas Praestantissimum* onde também Leão XIII fazia ressaltar "o vínculo constitutivo da liberdade humana com a verdade". Este princípio da doutrina foi de novo proclamado pelo mártir Cardeal Mindszenty da Hungria, no Domingo de Páscoa de 1976, quando escreveu que, para servir aos cristãos e ao seu povo, relataria "coisas da vida, de quantos pesares mas também de quantas consolações contem: falarei, dito em breves palavras, da verdade".

A história da ressurreição da Europa do Leste, em luta contra o sistema alienante dos povos e das nações imposto pelo império agora em mudança, tem de referir-se à internacional dos dissidentes, que tem o seu ponto de origem na reunião de Agosto de 1978, em Sniezka, na fronteira entre a Polónia e a Checoslováquia: ali estiveram Adam Michnik, Jack Kuron, Litynski e Vaclav Havel, todos militantes da Carta 77. O famoso ensaio - *O poder dos que não têm poder*, de Vaclav Havel, é um apelo ao uso da verdade contra o sistema, tudo sintetizado no discurso de 1 de Janeiro de 1990, nesta sentença: "entendo que não me escolhem para esta função para que vos minta". Ao norte, na pátria de João Paulo II, Tadeus Mazowiecki, partindo da doutrina que mostra, na palavra e nas ações, como é que um intelectual católico concebe um novo futuro para o seu país. João Paulo II revalida a doutrina com estas palavras: "a liberdade só é plenamente valorizada pela aceitação da verdade: num mundo sem verdade, a liberdade perde a sua consistência".

Paul Lafargue, discípulo e genro de Karl Marx, disse, na data própria, que a *Ferum Novarum* "é o maior ato de catolicidade deste século". A atualização feita ao longo destes anos, e a ação de João Paulo II, constituíram uma das mais valiosas contribuições para responder à pergunta que Edgar Morin formulou deste modo: como sair do século XX? Foi no decurso das comemorações do centenário da Encíclica, coincidente com a celebração dos V séculos de evangelização portuguesa, que João Paulo II veio, peregrino, a Fátima. Daqui recordou ao mundo a mensagem para os novos tempos. Dando-nos motivos de alegria, falou ao mundo na língua portuguesa. Anunciando a nova evangelização, avaliou o resultado do nosso esforço, e requereu a participação portuguesa nesta marcha em direção à esperança.

O povo português não pode rejeitar os custos negativos da expansão, porque são inseparáveis dela. Mas tem direito a que lhe reconheçam a intervenção específica cujos resultados fazem parte do património comum da Humanidade.

O projeto Cristocêntrico da Igreja teve uma versão portuguesa para as contingências da vida internacional: foi o esgotado Manifesto Político que está em *Os Lusíadas*. Mas repito que é justo reconhecer que nas tarefas que foram confiadas à Fé e ao Império, muitas vezes coube aos portugueses suportar o peso de ambos.

